

IAN McEWAN

SÁBADO

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 2005 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Saturday

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Juliane Kaori
Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica
Verba Editorial

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McEwan, Ian
Sábado / Ian McEwan ; tradução Rubens Figueiredo. São
Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Saturday.
ISBN 978-85-359-2246-2

1. Ficção inglesa I. Título.

13-01504

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Por exemplo? Bem, por exemplo, o que significa ser um homem? Numa cidade. Num século. Em transição. Em uma massa. Transformado pela ciência. Sob o poder organizado. Sujeito a mecanismos de controle tremendos. Num estado decorrente da mecanização. Após o último fracasso das esperanças radicais. Numa sociedade que não era comunidade nenhuma e depreciava a pessoa. Em virtude do multiplicado poder dos números, que tornavam a pessoa desdenhável. Que consumia bilhões em despesas militares contra inimigos externos, mas não gastava para ter ordem dentro de casa. O que abriu caminho para a selvageria e a barbárie em suas próprias cidades grandes. Ao mesmo tempo, a pressão de milhões de pessoas que descobriram o que esforços e pensamentos unidos em comum acordo podem conquistar. Enquanto megatoneladas de água formam organismos no fundo dos oceanos. Enquanto as marés dão polimento às pedras. Enquanto os ventos escavam os rochedos. A beleza da supermaquinaria descortina uma vida nova para a humanidade inumerável. Você lhes negaria o direito de existir? Pediria a eles que trabalhassem e passassem fome, enquanto você desfruta Valores antiquados? Você — você mesmo é filho dessa massa e irmão de todo o resto. Ou então é um ingrato, um diletante, um idiota. Pronto, Herzog, pensou Herzog, já que você está pedindo um exemplo, aí está como são as coisas.

Saul Bellow, Herzog, 1964

ALGUMAS HORAS ANTES DO RAIAR DO DIA, Henry Perowne, um neurocirurgião, acorda e já se vê em movimento, empurrando as cobertas para trás, sentado, e logo se põe de pé. Não está claro, para ele, quando exatamente voltou à consciência, nem isso parece relevante. Nunca agiu assim antes, mas não está apreensivo, nem sequer ligeiramente surpreso, pois o movimento é fácil e agradável para as suas articulações, e sente uma força incomum nas costas e nas pernas. Fica parado onde está, de pé, nu, junto à cama — sempre dorme nu —, sente todo o seu porte ereto, ciente da respiração serena da esposa e do ar de inverno do seu quarto em contato com a pele. Também isso dá uma sensação agradável. Seu despertador de cabeceira marca três e quarenta. Ele não tem ideia do que está fazendo fora da cama: não tem nenhuma necessidade de se aliviar, nem se sente perturbado por algum sonho ou por alguma coisa do dia anterior, nem sequer pela situação geral do mundo. É como se, ali parado no escuro, ele houvesse se materializado do nada, tivesse se formado por inteiro, sem qualquer embaraço. Não se sente cansado, apesar da hora ou de seus trabalhos recentes, nem tem a consciência abalada por algum caso recente. De fato, está alerta e de mente vazia e inexplicavelmente animado. Sem tomar decisão alguma, sem nenhuma motivação, começa a mover-se rumo à janela mais próxima, das três que há no seu quarto, e experimenta em seus passos tamanha naturalidade e leveza que, de imediato, suspeita que está adormecido ou sonâmbulo. Se for isso, ficará decepcionado. Sonhos não lhe interessam; a possibilidade de que isso seja real é mais rica. E ele está inteiramente senhor de si, tem certeza disso, e sabe que o sono ficou para trás: conhecer

a diferença entre isso e andar, conhecer a fronteira, é a essência da sanidade.

O quarto é grande e bem arrumado. Enquanto desliza pelo quarto, com uma facilidade quase cômica, a perspectiva de a experiência chegar ao fim lhe dá uma tristeza súbita, em seguida a ideia desaparece. Ele está junto à janela do centro, puxa para trás, com cuidado, as venezianas altas, de madeira, de modo a não acordar Rosalind. Nisso, ele é tanto egoísta quanto solícito. Não deseja que lhe perguntem o que está acontecendo — que resposta poderia dar, e por que abrir mão desse momento para tentar uma resposta? Abre a segunda veneziana, deixando que ela toque sua concertina na dobradiça, e levanta silenciosamente a janela de guilhotina. É muito mais alta do que ele, mas corre com facilidade para cima, içada por seu oculto contrapeso de chumbo. A pele se enrijece quando o ar de fevereiro se derrama à sua volta, mas ele não se sente incomodado pelo frio. Do segundo andar, encara a noite, a cidade, em sua gélida luz branca, as árvores esqueléticas na praça e, nove metros abaixo, a cerca negra, com pontas de flecha, semelhante a uma fileira de lanças. A temperatura é de um ou dois graus negativos e o ar está claro. O brilho da iluminação da rua não encobriu inteiramente todas as estrelas; acima da fachada do Regency, do outro lado da praça, pendem restos de constelações no céu do sul. Essa fachada, em especial, é uma reconstrução, um pastiche — o Fitzrovia dos tempos da guerra levou umas bombas da Luftwaffe — e, bem na frente, fica a Torre dos Correios, oficial e deprimente durante o dia, mas à noite semioculta e iluminada com decência, um destemido monumento em honra a dias mais otimistas.

E agora, que dias são estes? Desconcertantes e assustadores, é como ele os avalia, em geral, quando tira um tempo da sua jornada semanal para pensar. Mas não sente isso, agora. Inclina-se para a frente, apoia seu peso na palma das mãos sobre o peitoril, exultante com o vazio e a nitidez do cenário. Sua visão — sempre boa — parece ter se aguçado. Vê as pedras de malacacheta do calçamento cintilarem na praça só de pedestres,

os excrementos de pombo endurecidos pelo frio e pela distância, de modo a ganharem um aspecto quase belo, como borrifos de neve. Ele gosta da simetria dos postes negros de ferro fundido e de suas sombras, cada vez mais escuras, e da treliça das sarjetas de paralelepípedo. As latas de lixo abarrotadas sugerem antes fartura do que escassez; os bancos vazios dispostos ao redor dos jardins circulares parecem aguardar com benevolência o seu trânsito diário — multidões de alegres funcionários em intervalo de almoço, os rapazes solenes e estudiosos da pensão indiana, amantes em discretos arroubos ou crises, os traficantes de drogas no crepúsculo, a velha senhora arruinada, com seus clamores desvairados e lancinantes. Vá embora daqui! — ela vai gritar, horas a fio, e guinchar de modo estridente, semelhante a um pássaro do pântano ou uma criatura do zoológico.

Ali parado, tão imune ao frio como uma estátua de mármore, olhando na direção da rua Charlotte, na direção de uma inacabada mixórdia de fachadas, andaimes e telhados inclinados, Henry acha que a cidade é um sucesso, uma invenção genial, uma obra-prima biológica — milhões de pessoas que formigam em torno das conquistas de séculos, acumuladas e dispostas em camadas, como ao redor de um recife de coral, e dormem, trabalham, divertem-se, em harmonia, na maior parte das vezes, e quase todas com o desejo de que dê certo. E a própria esquina de Perowne, um triunfo da proporção congruente; a praça perfeita, traçada por Robert Adam, que abarca um perfeito círculo de jardim — um sonho do século XVIII, banhado e cingido pela modernidade, pela iluminação da rua, por cima, e, por baixo, por cabos de fibra óptica e por água doce e fria, que corre em canos subterrâneos, e pelo esgoto, levado para longe, num instante de esquecimento.

Observador habitual de seus próprios estados de ânimo, ele se interroga sobre essa euforia contínua e deformante. Talvez, no nível molecular, tenha ocorrido um acidente químico enquanto ele dormia — algo como uma bandeja de drinks deramada, o que forçou receptores da família da dopamina a iniciar uma agradável cascata de fenômenos intracelulares; ou é a

perspectiva de um sábado, ou a consequência paradoxal de uma fadiga extrema. É verdade, ele terminou a semana num estado de esgotamento incomum. Voltou para casa e a encontrou vazia, deitou-se na banheira com um livro, satisfeito por não ter de falar com ninguém. Fora sua filha Daisy, intelectual até demais, que lhe enviara uma biografia de Darwin que, por sua vez, tinha algo a ver com um romance de Conrad que ela queria que ele lesse, e que ele ainda não havia começado — os afazeres de um marujo, por mais moralmente fecundos que fossem, não tinham grande interesse para ele. De alguns anos para cá, Daisy tem se dedicado ao que acredita ser a assombrosa ignorância do pai, orienta a sua educação literária e o repreende pelo gosto rasteiro e pela insensibilidade. Daisy tem certa razão — direto do ensino médio para a faculdade de medicina e, daí, para as horas de trabalho estafante do médico em início de carreira, e logo em seguida a concentração total no aprendizado da neurocirurgia, e ao mesmo tempo as obrigações de pai participante —, durante quinze anos, ele mal tocou num livro que não fosse de medicina. De outro lado, acha que viu o bastante de morte, de coragem, de medo e de sofrimento para abastecer meia dúzia de literaturas. Mesmo assim, ele se sujeita às listas de leitura da filha — é o seu meio de manter-se em contato enquanto ela se afasta da família rumo a uma insondável vida de mulher adulta, em um subúrbio de Paris; hoje à noite ela estará em casa pela primeira vez em seis meses — outro motivo para a euforia.

Ele estava atrasado nas tarefas de Daisy. Enquanto controlava com o dedo do pé a ocasional entrada de água quente na banheira, lia de maneira turva um relato sobre o fervor de Darwin para concluir a redação de *A origem das espécies* e um resumo das páginas de conclusão, acrescentadas nas edições posteriores. Ao mesmo tempo, ouvia as notícias no rádio. O imperturbável sr. Blix fizera mais um discurso na ONU — havia a impressão geral de que ele demolira os argumentos a favor da guerra. Em seguida, certo de que não havia assimilado absolutamente nada, Perowne desligou o rádio, voltou às páginas an-

teriores e releu. Às vezes, essa biografia lhe inspirava uma agradável nostalgia de uma Inglaterra verdejante, amável, com veículos puxados a cavalo; de outras vezes, sentia-se ligeiramente desolado ao ver como uma vida inteira podia ser contida em poucas centenas de páginas — engarrafada, como *chutney* feito em casa. E ao ver como uma existência podia facilmente desaparecer completamente, com suas ambições, sua rede de familiares e de amigos, tudo aquilo que ela tratava com mais carinho e que lhe pertencia da maneira mais sólida. Mais tarde, estirou-se na cama para pensar no seu jantar e não se lembrou de mais nada. Rosalind deve ter puxado as cobertas sobre ele, quando chegou do serviço. Deve ter beijado o marido. Aos quarenta e oito anos de idade, dormia profundamente às nove e meia de uma noite de sexta-feira — isso é a vida profissional moderna. Ele trabalha muito, todos à sua volta trabalham muito e, nessa semana, ele foi exigido mais ainda, por causa de uma onda de gripe na equipe do hospital — sua lista de cirurgias foi duas vezes maior do que o costume.

Graças a um bem dosado desdobramento em várias funções, ele conseguia fazer uma cirurgia importante numa sala de operações, supervisionar um médico estagiário em outra e ainda cumprir tarefas menores em uma terceira. Ele instruía dois neurocirurgiões estagiários, naquele momento — Sally Madden, que já estava quase habilitada e era plenamente confiável, e um estagiário de dois anos, Rodney Browne, da Guiana, talentoso, trabalhador, mas ainda inseguro. O consultor anestesista de Perowne, Jay Strauss, tinha a sua própria estagiária, Gita Syal. Por três dias, com Rodney sempre a seu lado, Perowne deslocou-se entre os três conjuntos de salas — o ruído dos seus saltos no piso lustroso do corredor e os diversos guinchos e grunhidos das portas de vaivém do centro cirúrgico soavam como um acompanhamento orquestral. A lista da sexta-feira era típica. Enquanto Sally fechava um paciente, Perowne seguiu para a sala vizinha, a fim de aliviar uma velha senhora da sua neuralgia trigeminal, o seu tique *douloureux*. Essas operações menores ainda conseguiam lhe dar prazer — ele gosta de ser

rápido e preciso. Introduziu o dedo indicador enluvado no fundo da boca da velha senhora a fim de procurar o caminho, em seguida, com um olhar muito rápido para o intensificador de imagem, introduziu uma agulha comprida pelo lado de fora da bochecha da paciente, até alcançar o gânglio trigeminal. Jay veio da sala ao lado para ver como Gita trazia a velha senhora a um ligeiro estado de consciência. O estímulo elétrico da ponta da agulha causou um formigamento no rosto dela e, depois que ela confirmou, de modo sonolento, que a posição estava certa — Perowne havia acertado na primeira tentativa —, ela foi posta para dormir de novo, enquanto o nervo era “cozido” por meio de termocoagulação por ondas de rádio. O truque sutil consistia em eliminar a sua dor enquanto permitiam que a paciente tivesse a consciência de um leve toque — tudo feito em quinze minutos; três anos de sofrimento, de dor aguda e lancinante, estavam terminados.

Ele bloqueou o gargalo de um aneurisma na artéria cerebral média — era um verdadeiro mestre nessa arte — e fez a biópsia de um tumor no tálamo, região onde não é possível operar. O paciente, agora, era um tenista profissional de vinte e oito anos de idade, que já sofria aguda perda de memória. Quando Perowne retirou a agulha das profundezas do cérebro, pôde ver, num relance, que o tecido era anormal. Tinha pouca esperança na radioterapia e na quimioterapia. A confirmação veio num comunicado verbal do laboratório e, nessa mesma tarde, ele deu a notícia aos pais idosos do jovem paciente.

O caso seguinte era uma craniotomia para um meningioma numa paciente de cinquenta e três anos de idade, diretora de uma escola primária. O tumor se alojava acima da camada motora, estava definido com nitidez e foi-se embora completamente, ante a sondagem do seu dissector Rhoton — um processo curativo total. Sally fechou essa paciente enquanto Perowne se dirigiu para a sala vizinha, a fim de cuidar de uma laminectomia lombar em vários níveis, num paciente obeso de quarenta e quatro anos, um jardineiro que trabalhava no Hyde Park. Ele abriu dez centímetros de gordura subcutânea, antes de con-

seguir expor as vértebras, e o homem, para dificultar ainda mais, oscilava sobre a mesa de operações toda vez que Perowne fazia uma pressão de cima para baixo, a fim de aparar o osso.

Para um velho amigo, um especialista em nariz, ouvido e garganta, Perowne abriu a cavidade auricular de um menino de sete anos — é engraçado como esses otorrinos têm medo de abrir seus próprios acessos difíceis. Perowne fez uma grande dobra retangular no osso, por trás do ouvido, o que lhe tomou não menos de uma hora, irritando Jay Strauss, que queria acelerar a lista de cirurgias da sua própria equipe. Por fim, o tumor ficou exposto ao microscópio cirúrgico — um pequeno neuroma acústico, alojado a apenas três milímetros da cóclea. Deixando que o seu amigo especialista fizesse ele mesmo a excisão, Perowne seguiu célere para mais um procedimento cirúrgico menor, que por sua vez lhe trouxe certa irritação — uma jovem espalhafatosa, com maneiras habitualmente exaltadas, queria que o seu estimulador raquidiano fosse virado para a frente. Ainda no mês anterior, ele o havia virado para trás, depois que ela reclamara que daquele jeito era desconfortável sentar. Agora, ela dizia que o estimulador não deixava que ela deitasse na cama. Ele fez uma longa incisão no abdômen da paciente e perdeu um tempo precioso, com os antebraços metidos até o cotovelo dentro dela, procurando o fio da bateria. Tinha certeza de que a paciente voltaria a ele, em pouco tempo.

No almoço, comeu atum industrializado e um sanduíche de pepino com uma garrafa de água mineral. Na cafeteria lotada, onde a torrada e a massa feita em forno de micro-ondas sempre lhe traziam à memória os odores das principais salas de cirurgia, sentou-se ao lado de Heather, a querida sra. Cockney que ajuda a limpar as salas de cirurgia entre as operações. Ela lhe fez um relato da prisão do seu genro, por roubo com porte de arma, depois de ter sido erradamente apontado numa fila de reconhecimento na delegacia. Mas o álibi dele era perfeito — na hora do crime, estava no dentista, para extrair um dente de siso. Em outro local do salão de refeições, conversavam sobre a epidemia de gripe — uma enfermeira assistente de cirurgias e um médico

estagiário no Departamento de Operações que trabalhava para Jay Strauss foram mandados de volta para casa, naquela manhã. Após quinze minutos, Perowne voltou ao trabalho. Enquanto Sally estava na sala vizinha abrindo, com uma broca, um furo no crânio de um velho, um supervisor de trânsito aposentado, para aliviar a pressão de um sangramento interno — um hematoma subdural crônico —, Perowne usava o equipamento mais recente do centro cirúrgico, um sistema computadorizado de direcionamento por imagem, a fim de ajudá-lo numa craniotomia para a ressecção de um glioma frontal posterior direito. Depois, deixou por conta de Rodney a abertura de mais um furo com a broca num subdural crônico.

O ápice da lista desse dia foi a retirada de um astrocitoma pilocítico de uma garota nigeriana de catorze anos, que morava em Brixton, com a tia e o tio, um vigário da Igreja Anglicana. O tumor era mais fácil de alcançar pela parte de trás da cabeça, por acesso infratentorial supracerebelar, com a paciente anestesiada em posição sentada. Isso, por sua vez, criava problemas especiais para Jay Strauss, pois havia a possibilidade de entrar ar numa veia, o que causaria embolia. Andrea Chapman era uma paciente problema, uma sobrinha problema. Chegara à Inglaterra aos doze anos — o consternado vigário e sua esposa mostraram a foto para Perowne —, uma garota baixinha, de vestido e de fitas no cabelo, com um sorriso tímido. Algo que a vida no campo, na zona rural do Norte da Nigéria, mantinha trancado dentro dela foi libertado, assim que ingressou na escola pública, em Brixton. Assimilou a música, as roupas, a fala, os valores — a rua. A moça tinha personalidade agressiva, admitiu o vigário, enquanto sua esposa tentava instalar a jovem na enfermaria. Sua sobrinha tomava drogas, bebia, roubava nas lojas, matava aula, detestava autoridade e “praguejava como um marujo da marinha mercante”. Não seria o tumor que estava pressionando alguma parte do seu cérebro?

Perowne não podia proporcionar esse consolo. O tumor estava distante dos lobos frontais. Estava no fundo do vérmis cerebelar superior. Ela já sofrera dores de cabeça matinais,

pontos cegos e ataxia — desequilíbrio. Tais sintomas não conseguiam dissipar a suspeita da garota de que seu estado era parte de um complô — o hospital, em conluio com os seus guardiões, a escola, a polícia — para reprimir suas noitadas nas boates. Poucas horas depois de internar-se, ela já estava em conflito com as enfermeiras, com a irmã de caridade e com uma paciente idosa que disse que não ia tolerar linguagem obscena. Perowne teve suas próprias dificuldades para explicar à jovem as agruras que a aguardavam. Mesmo quando Andrea não estava agitada, fingia falar como um cantor de *rap* na MTV, balançando a parte de cima do corpo, sentada na cama, fazendo movimentos circulares com a palma das mãos voltadas para baixo, acariiciando o ar à sua frente, preparando-se para uma de suas explosões. Mas ele admirava o espírito da garota, os olhos escuros e ferozes, os dentes perfeitos e a desenvolta língua rosada, que açoitava a si mesma ao redor das palavras que formava. Ela sorria com júbilo, mesmo enquanto berrava numa fúria aparente, como se sentisse uma comichão ao ver de quanta coisa conseguia se safar sem ser punida. Coube a Jay Strauss, um americano com a cordialidade e a franqueza que ninguém mais podia reunir nesse hospital inglês, pôr a garota na linha.

A operação de Andrea durou cinco horas e correu bem. Ela foi posta em posição sentada, com o fixador de cabeça preso a um quadro à sua frente. Abrir a parte posterior da cabeça demandava um sério cuidado em razão dos vasos que passavam logo abaixo do osso. Rodney se debruçava ao lado de Perowne para irrigar a broca e cauterizar o sangramento com o bipolar. Por fim, ficou exposto, o tentório — a tenda —, uma delicada, pálida estrutura de beleza, como o pequeno rodopio de uma dançarina coberta por um véu, onde a dura-máter se une e se separa de novo. Abaixo, fica o cerebelo. Ao cortar com cuidado, Perowne deixou que a gravidade sozinha puxasse o cerebelo para baixo — não houve necessidade de retrator — e foi possível ver até o fundo da região onde fica a glândula pineal, com o tumor que se estendia numa vasta massa vermelha, bem à frente. O astrocitoma estava bem definido e só havia infiltrado par-

cialmente o tecido em torno. Perowne conseguiu cortar quase todo ele sem danificar nenhuma região importante.

Deixou Rodney manobrar o microscópio e o sugador por vários minutos e deixou-o fechar a paciente. Perowne fez, ele mesmo, o curativo da cabeça e, quando enfim saiu da sala de cirurgia, não estava nem um pouco cansado. Operar nunca o fatiga — atarefado no mundo enclausurado da sua equipe cirúrgica, do centro cirúrgico e de seus procedimentos ordenados, e absorto pelos contornos vívidos das imagens do microscópio cirúrgico, enquanto caminha pelo corredor rumo a um local determinado, ele experimenta uma capacidade sobre-humana, mais semelhante a uma vontade ardente, de trabalhar.

Quanto ao resto da semana, as duas manhãs de clínica não exigiram mais do que o costumeiro. Ele é experiente demais para ficar abalado com a diversidade de sofrimentos que encontra — seu dever é ser útil. As rondas pela enfermaria e as várias reuniões semanais tampouco o fatigam. Era o serviço burocrático da tarde de sexta-feira que o derrubava, o estoque de requerimentos e de respostas a requerimentos, a sinopse de duas palestras, cartas para colegas e para editores, uma avaliação inacabada do trabalho de um colega, contribuições para iniciativas da administração, a mudança que o governo promovera na estrutura da lei de Custódia, e ainda outros preparativos para aulas. É preciso dar uma nova fisionomia — sempre há uma nova fisionomia — ao Plano de Emergência do hospital. Simples desastres de trem não são mais tudo o que se deve esperar, e palavras como “catástrofe” e “morte violenta em massa”, “guerra química e biológica” e “ataque em grande escala” se tornaram amenas, ultimamente, por conta da repetição. No ano anterior, ele se deu conta da multiplicação de comissões e subcomissões, e de cadeias de comando que se estendiam por todo o hospital e para além dele, para além das hierarquias médicas, ascendendo até remotos patamares do Serviço Público Civil e, daí, até o Ministério do Interior.

Perowne ditou de maneira monótona e, muito tempo depois de sua secretária ter ido para casa, ficou digitando ele

mesmo em seu escritório superaquecido, e do tamanho de uma caixa, no terceiro andar do hospital. O que o atrasou foi uma estranha falta de fluência. Ele se orgulha da rapidez e do estilo polido e retorcido. Nunca precisa parar para pensar — digitar e conceber são uma coisa só. Agora, está titubeando. E, embora o jargão profissional não o tivesse abandonado — é a sua segunda natureza —, sua prosa se acumulava de modo canhestro. Palavras isoladas pareciam objetos difíceis de manejar — bicicletas, espreguiçadeiras dobráveis, ganchos de pendurar casaco —, espalhados em seu caminho. Compunha uma frase na cabeça e depois a perdia na página, ou digitava na direção de um beco gramatical sem saída e, para sair dali, tinha de suar. Nem parou para pensar se tal fraqueza era a causa ou a consequência do cansaço. Era teimoso e obrigou-se a ir até o fim. Às oito da noite, concluiu o último de uma série de e-mails e levantou-se de sua escrivaninha, onde ficara curvado desde as quatro horas. A caminho da saída, visitou seus pacientes no CTI. Não havia nenhum problema, e Andrea estava indo bem — dormia, e todos os seus sinais vitais eram bons. Menos de meia hora depois, ele tinha voltado para casa, estava na banheira e, logo depois, dormiu.

Dois vultos, de sobretudos escuros, atravessam a praça na diagonal, caminham para longe de onde ele está, rumo à rua Cleveland, enquanto os seus saltos altos estalam, num contratempo confuso — enfermeiras, na certa, a caminho de casa, embora seja uma hora estranha para trocar de turno. Elas não estão conversando e, embora seus passos não sigam alinhados, caminham próximas, os ombros quase se tocam de um modo íntimo, fraternal. Passam bem embaixo de onde ele está e fazem uma curva de um quarto de círculo em torno dos jardins, antes de irem embora. Há algo de comovente no modo como a respiração se ergue atrás delas, em nítidas nuvens de vapor, à medida que avançam, como se estivessem fazendo uma brincadeira de criança, imitando o vapor de uma locomotiva. Elas atravessam

na direção do fim da praça e, com seu porte elevado e seu espírito curioso, Perowne não só observa as duas figuras como também observa além delas, vigiando seu avanço, com o distante espírito possessivo de um deus. Em meio ao frio sem vida, elas cruzam a noite, pequenas máquinas biológicas quentes, dotadas de habilidade bípede, adaptáveis a qualquer terreno, providas de redes neurais de inumeráveis ramificações, alojadas no fundo de uma protuberância revestida de osso, com fibras ocultas, filamentos quentes, com seu invisível brilho de consciência — essas máquinas criam seus próprios caminhos.

Está na janela há vários minutos, a euforia está passando, e ele começa a ter arrepios. Nos jardins, que ficam fechados num círculo de grades altas, uma ligeira névoa paira sobre os espaços ajardinados e se ergue do gramado, além da linha de árvores niveladas. Ele observa uma ambulância, com a sirene desligada e as luzes azuis acesas, dobrar na rua Charlotte e acelerar com força rumo ao sul, talvez a caminho do Soho. Vira-se da janela para apanhar, às suas costas, um grosso roupão de lã, que está dobrado sobre uma cadeira. No instante em que se vira, se dá conta de um novo elemento, lá fora, na praça ou nas árvores, brilhante mas sem cor, borrado na sua visão periférica, em razão do movimento da cabeça. Mas ele não olha para trás imediatamente. Está com frio e quer o roupão de lã. Apanha-o, enfia um braço na manga e só volta para a janela quando encontra a segunda manga e dá o laço no cinto.

Não compreende de imediato aquilo que vê, embora pense que compreende. Nesse primeiro momento, em sua sofreguidão e curiosidade, supõe que as dimensões tenham uma escala planetária: é um meteoro que arde no céu de Londres, cruzando da esquerda para a direita, baixo no horizonte, ainda que bem claro, acima dos prédios mais altos. Mas, sem dúvida, meteoros têm um aspecto de flecha, de agulha. Nós os vemos num clarão, antes que o seu próprio calor os consuma. Esse se move lentamente, e até de um jeito majestoso. Num instante, ele ajusta a sua perspectiva do espaço exterior à escala do sistema solar: esse objeto não se encontra a centenas, mas sim a

milhares de quilômetros de distância, afastado no espaço, suspenso numa órbita eterna, ao redor do sol. É um cometa, com um matiz amarelo, com o seu núcleo brilhante e familiar arrasando o seu invólucro de fogo. Ele observou o Hale-Bopp, em companhia de Rosalind e dos filhos, no alto de uma colina gramada, em Lake District, e sente de novo, agora, o mesmo arruibo de gratidão por ter esse relance de algo genuinamente impessoal, para além da esfera terrena. E este, agora, é melhor, mais brilhante, mais rápido, e ainda mais impressionante por ser inesperado. Eles devem ter perdido o noticiário. Está trabalhando muito. Já estava prestes a acordar Rosalind — sabe que vai ficar empolgada com aquela imagem —, mas acha que talvez ela não chegue à janela a tempo, antes de o cometa desaparecer. E aí ele também vai perdê-lo. Mas é algo extraordinário demais para não compartilhar.

Está a caminho da cama quando ouve um som abafado de explosão, um trovão suave, que vai ganhando volume, e ele se detém a fim de ouvir. Aquilo lhe revela tudo. Olha para trás, sobre o ombro, na direção da janela, para confirmar. Claro, um cometa é algo tão distante que só pode parecer estacionário. Horrorizado, ele volta à sua posição, na janela. O som se mantém num volume constante, enquanto ele ajusta de novo a escala, dessa vez num movimento de aproximação, da poeira e do gelo solar para coisas próximas. Só três ou quatro segundos se passaram desde que ele avistou aquele fogo no céu e por duas vezes mudou de opinião a seu respeito. Está numa rota que ele mesmo percorreu, muitas vezes na vida, e na qual cumpriu os movimentos de rotina, pôs o assento do banco na posição vertical, acertou o relógio, guardou seus papéis, sempre curioso de verificar se não conseguia localizar sua casa no meio da imensa e quase bela vastidão cinzenta e alaranjada lá embaixo; do leste para o oeste, paralelo à margem sul do Tâmis, a seiscentos metros de altura, na manobra final para aterrissar no aeroporto Heathrow.

Agora, está bem ao sul de onde ele se encontra, a menos de mil e seiscentos metros, prestes a passar pela treliça formada

pelo cume das árvores niveladas e, depois, por trás da Torre dos Correios, à altura das antenas de ondas curtas, mais baixas, em forma de prato. Apesar das luzes da cidade, os contornos do avião não estão visíveis na escuridão do início da manhã. O incêndio deve ser na asa, no ponto em que ela toca na fuselagem, ou talvez numa das turbinas penduradas sob a asa. A face predominante do incêndio é uma esfera branca e achatada, que se dissipa num cone amarelo e vermelho, menos semelhante a um meteoro do que à imagem de um meteoro feita por um artista sensacionalista. Como se numa simulação de normalidade, as luzes de aterrissagem estão piscando. Mas o tom das turbinas denuncia tudo. Acima do grave e etéreo fragor de costume, há um som tenso, sufocante, fantasmagórico, num volume crescente — um grito e também um clamor duradouro, um ruído impuro, sujo, que sugere um esforço mecânico insustentável, além da capacidade do aço reforçado, que espirala para cima, sobe e sobe, até um ponto final, de maneira irresponsável, como os espectadores de uma corrida sinistra. Algo está prestes a se romper.

Ele já não pensa em acordar Rosalind. Por que acordá-la para esse pesadelo? De fato, o espetáculo tem a familiaridade de um sonho recorrente. À semelhança da maioria dos passageiros, exteriormente rendidos à monotonia da viagem aérea, ele muitas vezes deixa que seus pensamentos perscrutem as possibilidades, enquanto fica ali sentado, preso ao assento e dócil, diante de uma refeição empacotada. Lá fora, do outro lado de uma parede de aço fino e de um plástico que estala com alegria, faz cinquenta graus negativos, a doze mil metros do solo. Arremessado para o outro lado do oceano Atlântico a cento e cinquenta metros por segundo, você se entrega ao desatino, porque todos fazem o mesmo. Seus colegas de voo estão tranquilos, porque você e os outros à sua volta parecem calmos. Vistas de um certo ângulo — a morte de passageiros por milha de voo —, as estatísticas são consoladoras. E de que outro modo seria possível comparecer a uma conferência no sul da Califórnia? A viagem aérea é uma bolsa de valores, um truque de

imagens espelhadas, uma frágil aliança de crenças unidas numa aposta; contanto que os nervos aguentem firmes e não haja a bordo nem bombas nem sequestradores, todos prosperam. Quando há um fracasso, não existe meio-termo. Vistos de outro ângulo — mortes por viagem —, os índices não são tão positivos. A bolsa de valores podia afundar.

Com o garfo de plástico na mão, ele muitas vezes imagina como seria — a gritaria na cabine, em parte abafada por aquela acústica ensurdecadora, a apressada busca de telefones dentro das bolsas e as últimas palavras, a tripulação do avião, em seu terror, aferrada à lembrança de fragmentos dos procedimentos de segurança, o generalizado cheiro de merda. Mas a cena construída de fora, de longe, como agora, é também familiar. Já faz quase oito meses desde que metade do planeta assistiu, e assistiu mais uma vez, aos sequestrados invisíveis sendo carregados pelo céu rumo à carnificina, momento em que se agregou uma inédita associação à inocente silhueta de qualquer avião a jato. Todos concordam, os aviões de passageiros, no céu, hoje em dia, têm um aspecto diferente, predatório ou funesto.

Henry sabe que é uma artimanha da visão que o faz pensar que pode ver, agora, um contorno, uma forma negra mais marcada contra a escuridão. O uivo da turbina em chamas continua a aumentar de tom. Ele não ficaria surpreso se visse luzes vindo do outro lado da cidade, ou a praça cheia de moradores, de rou-pão. Às suas costas, Rosalind, experiente em banir do seu sono os problemas noturnos da cidade, vira-se de lado. O ruído, provavelmente, não traz mais incômodo do que uma sirene que passa na Euston Road. O núcleo branco em chamas e a sua cauda colorida aumentaram — nenhum passageiro naquela área central do avião conseguirá sobreviver. Esse é o outro elemento familiar — o horror do que ele não consegue ver. A catástrofe observada de uma distância segura. Assistir à morte em larga escala, mas não ver ninguém morrer. Nenhum sangue, nenhum grito, nenhuma figura humana e, nesse vazio, a imaginação solícita se solta. A luta até a morte na cabine do piloto, um grupo de passageiros corajosos se une num ataque desesperado

contra os fanáticos. A fim de escapar do calor desse fogo, para que parte do avião você deveria correr? A extremidade onde fica o piloto parece, de certa maneira, menos solitária. Será um desatino patético apanhar a sua mala no compartimento de bagagens, sobre a sua cabeça, ou se trata de um otimismo necessário? Será que a senhora muito maquiada, que lhe serviu tão educadamente um croissant com geleia, virá para tentar impedi-lo?

O avião está passando por trás da copa das árvores. Por um momento, o fogo cintila de modo festivo, entre as ramagens e os galhos. Ocorre a Perowne que há algo que ele deveria estar fazendo. Nessa altura, os serviços de emergência já perceberam e transmitiram seu chamado, o que quer que fosse acontecer já estaria no passado. Se estiver vivo, o piloto já terá transmitido a mensagem pelo rádio. Talvez já estejam cobrindo a pista com espuma. Inútil, nessa altura, descer e oferecer seus serviços ao hospital. Heathrow não fica nessa área, segundo o Plano de Emergência. Em outra parte, mais a oeste, em quartos escuros, médicos estarão pegando suas roupas, sem a menor ideia do que os aguarda. Mais vinte e cinco quilômetros para aterrissar. Se os tanques de combustível explodirem, não haverá nada que eles possam fazer.

O avião emerge das árvores, atravessa um ponto vazio e desaparece atrás da Torre dos Correios. Se Perowne fosse inclinado a sentimentos religiosos, a explicações sobrenaturais, poderia experimentar a ideia de que está recebendo um chamado; de que, no fato de ter acordado num estado de ânimo incomum e ter ido à janela sem nenhum motivo, ele devia reconhecer uma ordem oculta, uma inteligência exterior, que desejava lhe mostrar ou lhe dizer alguma coisa importante. Mas uma cidade dessa natureza cultiva insones; ela mesma é uma entidade que não dorme e cujos fios nunca param de zumbir; entre tantos milhões de pessoas, tem de haver gente que olha pela janela numa hora em que normalmente estaria dormindo. E não são as mesmas pessoas, todas as noites. Ser ele e não um outro é uma questão arbitrária. Envolve um simples princípio antrópi-

co. O pensamento primitivo das pessoas com pendores sobrenaturais resume-se naquilo que seus colegas psiquiatras chamam de um problema, ou uma ideia, de referência. Um excesso do subjetivo, a ordenação do mundo em conformidade com as necessidades da própria pessoa, uma incapacidade de contemplar sua própria carência de importância. Na visão de Henry, tal raciocínio pertence a um espectro em cujo ponto extremo, erguendo-se como um templo, está a psicose.

E esse raciocínio pode ter provocado o incêndio no avião. Um homem de fé inabalável, com uma bomba no salto do sapato. Entre os passageiros aterrorizados, muitos talvez estejam rezando — outro problema de referência — para o seu próprio deus e pedindo a sua intervenção. E, se houver mortes, o mesmo deus que determinou essas mortes logo será objeto de súplicas fúnebres, em busca de conforto. Perowne encara isso como um material para admiração, uma complicação humana situada além do alcance da moral. Daí emanam, de par com o irracional e o morticínio, pessoas dignas e ações louváveis, lindas catedrais, mesquitas, cantatas, poesia. Mesmo a negação de Deus — ele ouviu certa vez, com espanto e indignação, este argumento de um padre — é um exercício espiritual, uma forma de prece: não é fácil escapar das garras dos crentes. A melhor esperança para o avião é que tenha sofrido uma pane secular, mecânica.

O avião passa para o outro lado da Torre e começa a se afastar através de uma faixa aberta de céu, a oeste, virando um pouco para o norte. O fogo parece diminuir com a ligeira mudança de perspectiva. Sua visão, agora, é sobretudo da cauda e da sua luz flamejante. O barulho da agonia da turbina está esmorecendo. Será que o trem de aterrissagem baixou? Enquanto pensa nisso, ele o deseja, ou faz votos para tanto. Uma espécie de prece? Não está pedindo favores a ninguém. Mesmo quando as luzes de aterrissagem se encolheram até sumirem, ele continua a olhar para o céu, a oeste, com receio de ver uma explosão, incapaz de desviar os olhos. Ainda com frio, apesar do roupão, esfrega o vidro para apagar a marca de embaçado da sua respi-

ração e pensa como parece distante, agora, aquele estado de ânimo desprendido, enlevado, que o tirou da cama. Por fim, silenciosamente, desdobra as persianas e as repõe no lugar, para encobrir o céu.

Quando se afasta, recorda a célebre experiência de pensamento de que ouviu falar tanto tempo antes, numa aula de física. Um gato, o Gato de Schrödinger, oculto dentro de uma caixa fechada, ou ainda está vivo ou acabou de ser morto por um golpe aleatório de um martelo contra um frasco de veneno. Enquanto o observador não levanta a tampa da caixa, ambas as possibilidades, gato vivo e gato morto, existem lado a lado, em universos paralelos, igualmente reais. No momento em que a tampa é erguida e o gato é examinado, uma repentina onda de probabilidade desaba. Nada disso jamais fez o menor sentido para ele. Nenhum sentido humano. Sem dúvida, mais um exemplo de um problema de referência. Ouviu dizer que até os físicos estão abandonando isso. Para Henry, parece algo situado além das exigências de comprovação: um resultado, uma consequência, existe separadamente no mundo, independente dele próprio, conhecido dos outros, à espera de sua descoberta. Então, o que desaba será sua própria ignorância. Seja qual for o placar, já está riscado a giz. E seja qual for o destino dos passageiros, quer estejam salvos e assustados, quer estejam mortos, a essa altura já o terão alcançado.

A maioria das pessoas, em sua primeira consulta, dá uma espiada furtiva nas mãos do cirurgião, na esperança de se tranquilizar. Possíveis pacientes procuram delicadeza, sensibilidade, firmeza, talvez uma palidez imaculada. Por tal razão, Henry Perowne perde certo número de casos todos os anos. Em geral, ele já sabe que isso vai acontecer, antes até do paciente: o repetido olhar para baixo, as perguntas preparadas que começam a vacilar, os agradecimentos demasiado enfáticos durante a saída, rumo à porta. Outros pacientes não gostam do que

veem, mas ignoram seu direito de ir a outro lugar; alguns repararam nas mãos, mas são aplacados pela reputação, ou então não ligam a mínima; e ainda há outros que não reparam em nada, ou nada sentem, ou são incapazes de se comunicar, por causa do dano cognitivo que os levou ali, antes de tudo.

O próprio Perowne não se importa. Deixe que os desertores vão embora pelo corredor ou pela cidade afora. Outros virão em seu lugar. O oceano de infortúnios neurais é largo e profundo. Essas mãos são bastante firmes, mas são grandes. Se ele fosse um pianista decente — chegou a dedilhar o teclado de brincadeira —, seu alcance digital de dez notas teria sido bastante útil. São mãos nodosas, com ossos salientes e tendões proeminentes nos nós dos dedos, colmadas de pelos cor de cobre na base de cada um dos dedos — cujas pontas são chatas e largas, como as ventosas de uma salamandra. Os polegares ostentam um comprimento acintoso, curvados para trás, à semelhança de uma banana, e mesmo em repouso dão a impressão de serem dotados de articulações exageradamente flexíveis, mais adequados ao picadeiro de um circo, em meio a palhaços e trapezistas. E as mãos, como boa parte do restante de Perowne, são alegremente sardentas, num matiz de melanina laranja e castanho, até os primeiros nós dos dedos. Para certo tipo de paciente, isso parece esdrúxulo, e até insalubre: a pessoa pode não querer que mãos assim, mesmo enluvadas, remendem o seu cérebro.

São as mãos de um homem alto, de corpo rijo e esguio, em quem os anos recentes adicionaram um pouco de peso e porte. Aos vinte e poucos anos, o paletó de tweed pendia em seu tronco como que suspenso em varas estreitas. Quando ele se esforça para aprumar as costas, alcança um metro e oitenta e sete de altura. Sua ligeira curvatura lhe dá o aspecto de quem se desculpa, o que muitos pacientes tomam como parte do seu charme. Eles também ficam aliviados com as maneiras hesitantes e com os mansos olhos verdes, com fundas rugas sorridentes nos cantos. Até os seus quarenta e poucos anos, as sardas juvenis em seu rosto e em sua testa tinham o mesmo efeito de desarmar o temor, mas recentemente elas começaram a se apagar, como se

a condição de veterano o tivesse, por fim, obrigado a renunciar àquela exibição frívola. Os pacientes ficariam menos contentes em saber que ele nem sempre os escuta. Às vezes, está sonhador. Como um alerta de trânsito no rádio de um carro, uma sombria narrativa mental pode se desencadear, premente e sem aviso, mesmo durante uma consulta. Ele é hábil em apagar suas pegadas, continuando a fazer que sim com a cabeça, ou a franzir a testa ou a manter a boca fechada com firmeza em torno de um meio sorriso. Quando volta a si, minutos depois, nunca parece ter perdido grande coisa.

Até certo ponto, a curvatura é ilusória. Perowne sempre teve ambições físicas e reluta em se desfazer delas. Em suas rondas, pisa no corredor com passos impacientes que a sua comitiva se esforça em acompanhar. É saudável, mais ou menos. Se, depois do chuveiro, se examina detidamente no espelho de corpo inteiro do banheiro, nota, ao redor da cintura, um início de ampliação, um inchaço quase sensual abaixo das costelas. Isso desaparece quando ele se mantém ereto ou quando levanta os braços. De outro modo, os músculos — os peitorais, os abdominais —, conquanto modestos, conservam uma razoável definição, sobretudo quando a luz do teto está desligada e ele recebe a luz de lado. Ele ainda não está derrotado. O cabelo da cabeça, embora esteja rareando, ainda tem uma coloração castanho-avermelhada. Só no púbis existem os primeiros fios prateados dispersos.

Ainda corre no Regent Park, na maior parte das semanas, atravessa os jardins restaurados de William Nesfield, passa pela Lion Tazza até Primrose e depois volta. E ainda vence alguns médicos mais jovens no squash, concentrando suas bolas de longo alcance no T no centro da quadra, de onde ele dispara com alarde os lobes, que são o seu maior orgulho.* Em quase metade das vezes, ele vence o anestesta nas partidas de sábado.

* Jogada que consiste em lançar a bola em arco por cima do adversário. (N. T.)